ARTHUR NAPOLEÃO FIGUEIREDO (1923-1989)

RAYMUNDO HERALDO MAUÉS
Universidade Federal do Pará

Conheci o Professor Napoleão Figueiredo em 1961, quando fui seu aluno de Etnologia e Etnografia do Brasil na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará. Já havia cursado Antropologia Física e Antropologia Cultural, nos anos anteriores, como disciplinas integrantes do currículo do Curso de História, mas, só então, com as aulas daquele professor, que havia pouco tempo voltara de uma expedição realizada entre os índios Aramagoto do rio Paru do Oeste (PA), pude ter noção mais clara do ofício que mais tarde iria abraçar, sob a orientação do mesmo mestre.

O fascínio da aventura e do exotismo do trabalho de campo, tornados mais "reais" pelas exposições ilustradas por projeções de *slides* e observação das peças etnográficas coletadas, aliado às visitas ao Museu Paraense Emílio Goeldi, onde recebíamos aulas de pesquisadores jovens ou já famosos (Edson Diniz, Protásio Fikel, Eduardo Galvão), bem como o rigor metodológico e a exigência na cobrança do estudo, eram marcas do professor que não podia deixar de exercer profunda influência em seus alunos. E, como se isso não bastasse, além de saber ser professor, também sabia tornar-se amigo dos estudantes.

Não é possível esquecer as festas em casa de Napoleão Figueiredo, com reunião heterogênea de amigos, mas sempre com muitos alunos e ex-alunos, onde a elegância de D. Maria Célia de Figueiredo encantava a todos.

Napoleão, ao longo de sua frutífera vida, exerceu muitas atividades: bacharel em ciências jurídicas e sociais pela antiga Faculdade de Direito do

Anuário Antropológico/89
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992

Pará, serviu como oficial de infantaria no Exército a partir da 2ª Guerra Mundial, de 1942 a 1946, em unidades militares do Rio de Janeiro, Belém e antigo Território Federal do Amapá; deixando o Exército, no posto de capitão R-2, serviu, em 1946, como chefe de gabinete do prefeito de Belém e, logo em seguida, assumiu a função de serventuário de justiça, passando a titular vitalício de Oficial de Justiça da Comarca de Belém, através de concurso público; de 1947 a 1964 esteve à frente do Cartório do 1º Ofício de Registro civil, passando-o nesta data a sua esposa, Maria Célia de Figueiredo, para poder dedicar-se exclusivamente às atividades do ensino e da pesquisa no campo da antropologia.

Embora não tivesse começado sua carreira universitária pela antropologia, foi porém na qualidade de professor de Etnologia e Etnografia do Brasil que passou a dar sua contribuição mais profícua, a partir do ano de 1960. Seu interesse pela antropologia vinha desde 1948, quando se tornou sócio efetivo do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, que funcionava na biblioteca do Museu Goeldi, e onde convivia com figuras como Frederico Barata, Nunes Pereira e Peter Hilbert. Foi seu conhecimento com Eduardo Galvão, de que resultaria uma grande amizade, que permitiu orientação mais segura e uma opção decidida pela carreira de antropólogo, com seu batismo de campo entre os Aramagoto.

À frente da cadeira de Etnologia e Etnografia, Napoleão Figueiredo desenvolveu várias pesquisas, assim como criou, com apoio de Anaíza Vergolino e Silva, em parte como fruto dessas pesquisas, mas visando sobretudo atender às necessidades do ensino, o Laboratório de Etnologia e Etnografia, que, hoje, com prédio próprio no Campus Universitário do Guamá, pertence ao Departamento de História e Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (sucedâneo da antiga Faculdade de Filosofia) e tem o nome de Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo. Nesse prédio, além de salas de aula, salas de professores, auditório etc., guarda-se um acervo importante de peças etnográficas, tanto de populações indígenas como de cultos afro-brasileiros e objetos da cultura material do caboclo amazônico, assim como *slides*, fotografias e outros materiais didáticos.

Como professor universitário, foi diretor em exercício da antiga Faculdade de Filosofia (1965-1968), chefe interino do Departamento de História e Antropologia (1973) e coordenador do colegiado do Curso de Geografia (1978-1980). Começou em 1956, lecionando a disciplina Política Financeira, na antiga Faculdade de Ciências Econômicas da UFPA, tendo depois ensina-

do Sociologia da Educação, Etnologia e Etnografia do Brasil, Arqueologia e Etnologia da Amazônia, Antropologia Cultural, Pré-história Brasileira, Etnologia Indígena da Amazônia e Folclore Brasileiro. Deu vários cursos em outras universidades, no Brasil e no exterior (Centro de Estudos de Antropologia Cultural e Museu de Etnologia do Ultramar, em Lisboa, e Universidade de Missouri, nos EUA).

Como pesquisador, dedicou-se também a uma grande variedade de temáticas: estudos de sociedades indígenas (Aramagoto, Tiriyó e Anambé), de populações caboclas (alto rio Cairari, região guajarina), de cultos afro-brasileiros e medicina popular em Belém, prospecções arqueológicas na ilha do Marajó, além de estudos e descrições de coleções etnográficas, destacando-se o trabalho exaustivo e valioso realizado com a Coleção Africana do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Napoleão Figueiredo foi membro de diversas associações científicas, do Brasil e do exterior, entre as quais a American Anthropological Association, a Societé des Américanistes de Paris, a Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos (México), a Ethnologische Gesellschaft (Hannover), a Associação Brasileira de Antropologia (tendo participado de seu Conselho Científico e Conselho Diretor, de 1974 a 1978) e a Academia Paraense de Letras. Publicou centenas de trabalhos, entre artigos, capítulos de livros e livros, dentre os quais se destacam *Amazônia, Tempo e Gente* (1977), *Rezadores, Pajés e Puçangas* (1979) e *Banhos de Cheiro, Ariachés e Amacis* (1983).

Tornando-se professor titular em 1971, ano da implantação da reforma universitária na UFPA, Napoleão Figueiredo, que já criara o Laboratório de Etnologia, contando com a colaboração de Anaíza Vergolino e Silva, iniciou o trabalho de constituição do grupo de professores de antropologia dessa universidade, admitidos por concurso de títulos e provas e logo incentivados a se pós-graduarem (especialização, mestrado e doutorado) em Campinas, em São Paulo, em Brasília, no Rio de Janeiro e em Belém (NAEA). Isso permitiu a ampliação das pesquisas e das atividades de ensino, constituindo-se um corpo de professores que, sob a orientação inicial do Mestre, hoje se dedica ao ensino de graduação e pós-graduação (*lato-sensu*) e à pesquisa em variados campos da antropologia (catolicismo popular, pajelança, medicina popular, sincretismo, cultos afro-brasileiros, relações raciais, criminalidade, trabalho feminino na indústria e no comércio de Belém, grandes projetos na

Amazônia, educação indígena etc.) tendo como *locus* físico o Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo da Universidade Federal do Pará.

Aposentando-se da universidade em 1983, passou a trabalhar no Museu Goeldi, onde continuou a dedicar-se às pesquisas e ao estudo e descrição de coleções etnográficas. A morte veio colhê-lo no início da tarde do dia 8 de março de 1989, depois de manhã normal de trabalho (parecia apenas um pouco de cansado) naquela instituição de pesquisa, quando, em casa, repousava, pensando certamente em retornar ao trabalho daí a poucos minutos. Napoleão fez grande falta. Não só a sua mulher, Dona Célia, e a seus filhos, Eleonora, Manuel e Cristina. Aos que o esperavam naquele dia à tarde no Goeldi. A todos os seus alunos e amigos da UFPA e de outras partes. À Antropologia brasileira.